

Sobre a ontologia de Louis Lavelle - 2

Notas extraídas do *Prefácio* de Philippe Perrot à *Introduction à l'Ontologie*¹.

Seleção e tradução de Olavo de Carvalho para exclusivo uso em classe pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a difusão por quaisquer meios.

22. “É impossível que o eu se identifique com a inteligência, pois a inteligência nos representa por toda parte aquilo que nos ultrapassa e que nos é exterior. Por isso Malebranche dizia, com justeza, que a verdade, não a vemos no nosso próprio entendimento, mas no entendimento mesmo de Deus. Em contrapartida, é impossível que o eu não se identifique ele mesmo com o querer. Pois o querer é o ser mesmo na medida em que o assumimos. De tal modo que ele é individual, como a inteligência é universal, o que basta para explicar por que ele é temporal, ao passo que a inteligência é intemporal.”²

23. A tensão inevitável a que nos submete a disjunção da inteligência e da vontade [leva-nos de volta] à categoria central da existência e ao conceito que a condiciona: o da participação. O ponto de vista da inteligência é justo, mas ele tende a nos dissolver no Todo; ele está sempre marcado pelo caráter da representação, cuja universalidade é obtida ao mesmo tempo pela referência ao espaço e por colocar entre parênteses a singularidade do eu em proveito de um sujeito neutro e anônimo. Lidamos assim com um ponto de vista abstrato e no fim das contas estático, incapaz de levar em conta a dimensão criadora do Ser da qual participamos e que experienciamos na reivindicação que o eu faz de ser causa de si mesmo. Dito de outro modo, o que falta à inteligência é essencial, pois é o caráter vivente do Ser, a sua liberdade, a sua interioridade e a sua fecundidade inesgotável. [*Em nota de rodapé*: Segundo Lavelle, a inteligência é uma das funções da consciência, que comporta duas outras: a vontade e o amor. Estas três funções são inseparáveis.]

24. Não se deve identificar a vontade com a liberdade; esta última é a marca da nossa participação no Ser... Se a liberdade nos aparenta ao Ato puro, parece que a vontade nos remeta, antes, para o lado da natureza. Ela parece exprimir, pelo menos, tanto as aspirações do corpo quanto as da alma. A vontade engaja-nos fisicamente no mundo... donde a tese possível de uma vontade brutal, inconsciente, pura expressão de um querer-viver amoral. Tal não é o ponto de vista de Lavelle, para quem a vontade, ainda que ligada intimamente à natureza, não tem a função de encerrar-nos nela, mas, ao contrário, de nos liberar dela a fim de nos alçar ao cume de nós mesmos.

25. “Se a vontade pode parecer desde logo buscar fins materiais, bem sabemos que nenhum desses fins que asseguram o reino do corpo é capaz de satisfazê-la... Através de todas as modificações que ela introduz no mundo, a vontade nada mais busca do que reencontrar a unidade mesma do ato que a inspira e do qual é preciso que ela se separe, para assumir ela mesma

¹ Paris, Éditions du Félin, 2008, pp. 7-64.

² *De l'Acte*, p. 431.

a responsabilidade dele.”³ ... “Não se pode imaginar uma vontade que não seja uma vontade de valor.”⁴

26. O que vale não é somente aquilo que está em condições de atender aos nossos desejos, porém, mais profundamente, aquilo que nos torna capazes de dominá-los, de elegê-los ou de rejeitá-los, de hierarquizá-los e, portanto, de julgá-los. O princípio do valor desloca-se, seu centro de gravidade tende a subir do mundo sensível ao mundo inteligível... Há uma dialética do querer, que, tomando apoio sobre os desejos, nos impele progressivamente, de ultrapassagem em ultrapassagem, em direção ao supremo desejável. A vontade seria portanto, por essência, aquilo que em nós dá testemunho da nossa relação com o Absoluto.

27. A dialética do querer coloca-nos assim em condição de compreender por que não cabe separar as categorias ontológicas das categorias axiológicas... A existência, na medida em que é assumida pela vontade, é correlativa do valor. O Ser coincide com o Bem. Se, com efeito, nos recusamos a confundir o ser com a realidade, não é possível identificar a aspiração ao ser com um movimento negativo. Tender ao ser significa optar por aquela plenitude interior da qual só Deus desfruta eternamente. “Não há diferença entre dizer que esse querer se quer e dizer que ele afirma seu próprio valor e estabelece nele mesmo a identidade do ser e do bem.”⁵

³ *De l'Acte*, p. 462.

⁴ *Traité des valeurs*, T1, p. 193.

⁵ I. O. p. §54, p. 139.